TECNOLOGIAS E TRABALHO DOCENTE: DESVELANDO OS DIFERENTES COTIDIANOS ESCOLARES DO USO DE TABLETS EM ESCOLAS PÚBLICA E PARTICULAR NO DISTRITO FEDERAL

Carolina Carvalho Franco de Abreu (Universidade de Brasília/UnB – carolinacfa@gmail.com)
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira (Universidade de Brasília/UnB – danielle.pamplona@gmail.com)
Catarina de Almeida Santos (Universidade de Brasília/UnB – cdealmeidasantos@gmail.com)

Grupo Temático 6. *Educação e tecnologias: formação e atuação de educadores/profissionais*
Subgrupo 6.4 *Uso de tecnologias, processos formativos coletivos e aprendizagens institucionais*

Resumo:
Esse artigo trata do uso das TICs no cotidiano escolar. Objetiva analisar o uso de tablets por professores em escolas no Distrito Federal. Foram realizadas entrevistas com coordenadores e professores de uma escola particular e de uma escola pública. Os dados reforçaram a tese de que políticas de inserção de tecnologias na escola, favorecem a intensificação do trabalho docente. Na escola pública, percebemos um contexto mais conservador, a partir do aumento de trabalho em sala de aula, práticas menos criativas, muitas tarefas realizadas fora da escola e piores condições de trabalho. Já na escola particular, o modelo compreende maior tempo de preparo fora da sala de aula, maior possibilidade de práticas curriculares mais criativas, condições de trabalho organizadas a partir de modos de gestão mais abertos. Contudo, isso pode estar evidenciando um processo de auto intensificação do trabalho docente.
Palavras-chave*: Tecnologias; Trabalho docente; Cotidiano escolar.*

Abstract:
This article examines the use of ITs in everyday school life. It analyze the use of tablets by teachers in schools in the Federal District. Interviews were realized with the coordinators and teachers of a private school and a public school. The data reinforced the view that educational policies, especially the integration of technology in school, favor the intensification of teachers work. In public school, there is a more conservative context, from the increased workload in the classroom, less creative practices, many tasks performed out of school and poorer working conditions. Already in private school, the model comprises longer preparation time outside of the classroom, the greater possibility of more creative curriculum practices, working conditions arranged from more open management mode. However, this may be evidence of a process of self-intensification of teachers work.
Keywords*: Technology; Teaching; Daily school*

1. Introdução

Segundo Kenski (2003), as tecnologias são parte inerente do ser humano, sendo essas um conceito variável e contextual, pois acompanha as mudanças promovidas pelo próprio homem na sociedade. É o conhecimento colocado em prática, gerando produtos ou processos para cada necessidade social. Nesse sentido, a conceito de tecnologia adquire diferentes significados, dependendo a da ênfase ou finalidade que a ela seja dada.

Longo (1984) define tecnologia como "o conjunto de conhecimentos científicos ou empíricos empregados na produção e comercialização de bens e serviços" (apud SILVA, 2002, p. 3). Já Blauner (1964) apud Fleury (1978) diz que está "se refere ao conjunto de objetos físicos e operações técnicas (mecanizadas ou manuais) empregadas na transformação de produtos em uma indústria" (apud SILVA, 2002, p. 3). No entanto, em outra perspectiva, Abetti (1989) apud Steensma (1996) diz que tecnologia é "um corpo de conhecimentos, ferramentas e técnicas, derivados da ciência e da experiência prática, que é usado no desenvolvimento, projeto, produção, e aplicação de produtos, processos, sistemas e serviços" (apud SILVA, 2002, p. 3). Mas está em voga, também o debate sobre as tecnologias sociais, que é compreendida como o "conjunto de técnicas e metodologias transformadoras desenvolvidas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão e melhoria das condições de vida" (ITS, 2004, p. 26)

No contexto atual, vivemos um momento de alta progressão tecnológica. A chamada sociedade do conhecimento ou sociedade da informação busca a valorização da produção do conhecimento como elemento de acumulação de capital, levando nações à constante busca de níveis de competividade e desenvolvimento econômico.

Nesse contexto, a escola assume papel de centralidade enquanto instituição promotora e produtora de conhecimento. Cabe à escola o desafio de atender, rapidamente, a demanda da sociedade por processos de produção de conhecimento, cada vez mais rápidos e eficazes. Isso acarretou mudanças estruturais na organização do trabalho na escola, sobretudo quanto à inserção das tecnologias da informação e comunicação nos processos educativos. Em decorrência disso, emergiu a necessidade de se analisar como essas tecnologias estão sendo incorporadas ao cotidiano escolar.

Dessa forma, o trabalho tem como objetivo analisar o uso dos *tablets* por professores em escolas pública e particular no Distrito Federal. A pesquisa de caráter exploratório foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas direcionadas a dois coordenadores e dois professores de uma escola particular e de uma escola pública, visando levantar as percepções de professores no que se refere ao uso dessa tecnologia no cotidiano escolar.

A partir dos dados analisados, buscou-se desvelar que modificações o uso de tecnologias na escola traz para o trabalho docente. Tendo como referência Hypolito et al (2009), buscamos compreender o processo de trabalho docente a partir da análise da organização do trabalho na escola e na sociedade, sobretudo das modificações provocadas por políticas educacionais, para um melhor entendimento da condição social e das atividades dos professores e das professoras.

2. Usos e finalidades das tecnologias na educação

A utilização das modernas tecnologias, presente do cotidiano do homem com diferentes objetivos, também se faz presente no campo educacional. Contudo, quando se trata do uso de tecnologias no cotidiano escolar, a dificuldade de como utilizá-las se evidencia, sobretudo se considerar-se que esse uso tem como finalidade produzir práticas mais inovadoras que beneficiem o desenvolvimento do trabalho docente e os processos de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, é importante se compreender que as tecnologias em si não são capazes de produzir mudanças e transformações, mas dependerão do projeto educacional se que pretende desenvolver. Ressalta-se, assim, que os elementos fundamentais para

mudança e inovação são o uso que se faz dessas tecnologias, a forma como serão utilizadas e as intencionalidades que nortearão a sua utilização.

Alto e Silva (2005, p.22) afirmam que "não basta somente adquiri-las, é necessário que sejamos capazes de construí-las de modo que nos ajudem a crescer profissional e pessoalmente." Portanto, a mera aquisição das tecnologias pelas escolas não trará inovação se não houver uso adequado às reais necessidades da escola, no cumprimento da sua finalidade.

De acordo com Guimarães (2005), não se trata simplesmente de incorporar as tecnologias no cotidiano escolar, mas sim de possibilitar uma mudança cultural. No entendimento de Kenski (2003), são os sujeitos que possuem a capacidade de mudança e que as tecnologias são somente meio nesse processo. Nessa direção, Rabello (2012, p.16) considera que:

> (...) Percebemos que não basta introduzir o computador ou a lousa interativa na escola se o professor não recebe qualquer tipo de capacitação para sua utilização e, acaba, assim, por replicar antigos modelos e práticas pedagógicas.

Assim, isso se torna um grande desafio para o professor, pois ele precisa aprender a lidar com estas tecnologias de maneira didática, pedagógica e criativa, quando, muitas vezes, não foram lhe dadas condições adequadas para o seu trabalho.

Segundo Kenski (2001, p. 76):

> Todos estes comportamentos desafiadores, decorrentes da integração das novas tecnologias digitais ao ambiente educacional, impõem mudanças estruturais à ação docente e às formas de ensinar. São exigidos novos posicionamentos que possibilitem aos professores a fluência metodológica adequada para realizarem um ensino de qualidade, ainda que as próprias concepções do que é ensino e do que é aprendizagem também tenham transformado. Antes de tudo, é preciso que haja transparência e clareza sobre as reais possibilidades de ação do docente com o uso de tecnologias.

Para a autora, trata-se de formar professores que não sejam apenas "usuários" ingênuos das tecnologias, mas profissionais conscientes e críticos que saibam utilizar suas possibilidades de acordo com a realidade em que atuam. O professor terá o desafio de se manter sempre atualizado e de conseguir transformar as meras informações em conhecimento construtivo.

Nesse contexto, Kenski (2001, p.78) ainda afirma que:

> O novo papel do professor será o de validar, mais do que o de anunciar, a informação. Orientar e promover a discussão sobre as informações (muitas vezes desencontradas) levantadas pelos alunos. Proporcionar momentos pra que os aprendizes façam a triagem destas informações, para a reflexão crítica, o debate e a identificação da qualidade do que lhes é oferecido pelos inúmeros canais por onde os conhecimentos são disponibilizados.

De acordo com a autora, não se trata de acabar com a função do professor e sim complementá-la. O professor terá o papel de mediar as informações que os alunos trazem, construí-la, junto aos alunos, em forma de conhecimento.

No entanto, Kenski (2003, p. 70) direciona a participação das tecnologias nas escolas em dois sentidos:

> Em algumas, elas vêm pela conscientização da importância educativa que esse novo meio possibilita. Em outras, são adotadas pela pressão externa da sociedade, dos pais e da comunidade. Na maioria das instituições, no entanto, elas são impostas, como estratégia comercial e política, sem a adequada reestruturação administrativa, sem reflexão e sem a devida preparação do quadro de profissionais que ali atuam.

É nessa perspectiva que a pesquisa proposta se propõe a analisar o uso de *tablets* em escolas do Distrito Federal, a fim de desvendar como se dá esse uso no âmbito escolar, discutindo, sobretudo, as modificações no trabalho docente. Para Hypolito et al (2009), esses processos de implantação de novas políticas para a organização do sistema educacional trazem modificações no desenvolvimento das atividades docente em termos de maior ou menor controle sobre o trabalho pedagógico, maior ou menor autonomia do professorado sobre o seu fazer e pensar e em termos de aumento do grau de intensificação do trabalho realizado, levando-nos a questionar em que medida essas políticas levam a sua maior intensificação.

3. Desvelando a realidade da escola

O governo atual (2010-2014) do Distrito Federal distribuiu *tablets* para os professores das escolas públicas de ensino médio, no início do ano de 2013, com o objetivo de auxiliar o trabalho pedagógico e tornar a didática mais prazerosa. Diz, ainda, que a meta é ampliar o programa do governo de modernização das escolas públicas. Vale ressaltar, no entanto, que alguns professores receberam os equipamentos, mas outros não aceitaram. Dentre aqueles que receberam, alguns estão devolvendo ao governo por acreditarem que o equipamento está contribuindo mais para o aumento do trabalho na organização das suas atividades escolares do que facilitando a docência.

Já na escola particular pesquisada, no início do ano de 2012, o diretor desenvolveu uma nova proposta para a escola, de levar tecnologias para sala de aula. A escola possibilitou aos alunos e professores a aquisição do equipamento com o intuito de atualizar e inovar o trabalho pedagógico. De acordo com o coordenador da instituição, o objetivo deste projeto é de modernizar a escola e aperfeiçoar a explicação de conteúdos por parte dos professores. Assim, as unidades escolares da rede pesquisada não trabalham mais com livros impressos. O material didático é todo utilizado em *tablets*, tanto por alunos como por professores, sendo que esse material foi todo elaborado pelos docentes.

Sobre a preparação para a inserção dos *tablets* na escola particular pesquisada, o coordenador ponderou que

> A ideia do uso do *tablet* na escola partiu da direção da escola. A direção procurou um grupo de professores (basicamente coordenadores de cadeira) e indagou-nos se seríamos capazes de produzir um material didático para ser embarcado em *tablet*; aceitamos o desafio (Coordenador da Escola Particular).

Pela fala do coordenador, percebe-se que a implementação da tecnologia na escola ocorreu a partir de uma decisão coletiva, contando com a participação dos seus diversos profissionais.

Já na escola pública, o início do processo de implementação foi bastante diferenciado. Segundo o coordenador pedagógico, a ideia do uso dos *tablets* não partiu da

escola e seus profissionais não foram consultados nessa tomada de decisão. Ele informou que:

> O que tem esse ano e a gente já começou foi a aquisição de lousas digitais. A gente já está prestes a implementar. Mas o uso dos *tablets* simplesmente apareceu por uma proposta do Governo de encaminha-los até a escola ou através dos professores. (Coordenador Escola Pública).

Pela fala do coordenador, pode-se perceber que o uso dos *tablets* foi imposto à escola pública e sem que houvesse uma discussão ou consulta sobre a sua necessidade ou vontade de utilizar o material. Na fala que segue, fica explicito como a chegada dessa tecnologia a escola se deu por imposição da política pública advinda da Secretaria de Estado da Educação.

> O que acontece é que parece que as coisas veem invertidas. Não sei como, os gestores pensam na educação, mas primeiro entregaram os dispositivos sem nenhum projeto para escola, sem discutir com a comunidade escolar, entende? (Coordenador Escola Pública).

Assim, o professor comprova que não houve etapa de discussão com os sujeitos da própria escola sobre o uso do referido equipamento, o que referenda a ideia de inversão da política, a qual foi implantada “de cima para baixo”. Nessa lógica, pode-se perceber que não são as necessidades da escola que estão definindo quais as tecnologias serão adquiridas, mas as intencionalidades da politica definindo quais são as necessidades da escola e de seus professores no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Sobre as ações preparatórias que a escola desenvolveu para o a inserção da tecnologia, o coordenador da escola particular disse que houve mudanças tanto na sua estrutura física como pedagógica. Na estrutura física, as carteiras foram trocadas por carteiras com tampos maiores para que pudessem ser colocados em cima tanto *tablets* como também o caderno, e em todas as salas foram instaladas mais tomadas para que os alunos e professores possam carreg*á-los*, quando necessário. Na parte pedagógica, foram organizadas reuniões com os professores e pais para apresentar o material e explicar o processo de implementação.

Por outro lado, na escola pública, a única ação preparatória foi um curso para uso da tecnologia com o enfoque técnico, apenas informando sobre como manusear o aparelho e as ferramentas disponíveis nele. Esta informação é reforçada na fala do professor da escola pública a seguir.

> Em relação a chegada dos *tablets*, não houve nenhuma alteração de nenhum tipo de prática pedagógica ou do aluno na escola. Acho que foi uma coisa muito estranha. Os professores se queixaram bastante do treinamento que receberam. Eram mais questões técnicas, não pedagógicas. Acho que foram apenas duas reuniões para aprender como manusear aquele tipo de coisa, mas a questão pedagógica não foi trabalhada (Professor da Escola Pública)

Ao analisar as falas anteriores dos dois professores, percebe-se que na escola particular, a ideia do uso do *tablet* partiu da própria escola porque eles já tinham em mente um projeto de uso. Na escola pública, não existia um projeto; por isso, os professores não encontram uma aplicabilidade real para o equipamento. Da mesma maneira, a escola particular realizou ações preparatórias para a inserção da tecnologia, enquanto na pública

não ocorreu nenhuma ação preparatória voltada para o desenvolvimento da docência, apenas o curso para os professores de como usar o equipamento, com caráter essencialmente técnico e em detrimento ao pedagógico.

Uma consequência da forma inadequada da implementação do *tablet* na escola pública foi relatada pelo professor que, apesar de acreditar que o uso do *tablet* apresenta consequências positivas favoráveis ao processo educativo, não consegue apontar resultados por não conseguir ter uma aplicabilidade concreta na escola.

A questão apontada pelo professor leva à reflexão também sobre os objetivos do uso de tecnologias nas escolas pesquisadas. Ao ser indagado sobre quais os objetivos a escola pretende alcançar com o uso dos *tablets*, o coordenador da escola particular disse que

> A escola, inicialmente, pretende ter um conteúdo produzido de acordo com suas necessidades (considerando aqui a particularidade do PAS/UnB) e ter um conteúdo que, de fato, apresente um avanço, mesmo que simples, na apresentação, no emprego de recursos que aprimorem a explicação do conteúdo. É evidente que o aspecto comercial também é considerado: o uso de *tablets* (de modo sistêmico, com um conteúdo que atende as demandas da escola) comunica à sociedade que a escola tem um perfil de modernização, de atualização (Coordenador escola particular).

O coordenador ainda ressaltou que "de modo algum, o *tablet* mudou o arcabouço da prática docente". Para ele, o *tablet* nessa escola foi um facilitador da prática docente: veio para substituir o livro e facilitar a apreensão de conteúdos pelo aluno, tornando as aulas mais dinâmicas e os alunos mais ativos. No entanto, ao indicar que os recursos didáticos e as metodologias de ensino foram alterados, constatou-se que houve, de fato, modificação no trabalho docente da escola, no qual o professor passou a se exigir e a ser exigido de novas competências relacionadas ao cotidiano da docência. Por outro lado, a escola não teve como objetivo o de substituição do trabalho docente, mas de ajustamento da atuação do professor com o uso do equipamento.

O coordenador da escola pública, por sua vez, não destacou um objetivo com o uso dos *tablets*.

> Não é de fato foco ainda de interesse. Os tablets foram recebidos pelos professores, mas percebi que, como não houve um projeto para o uso dos *tablets* na escola, alguns ficaram um pouco frustrados em relação a não perceber, no momento, uma aplicação pedagógica para esse dispositivo. Alguns estão até devolvendo os *tablets* (Coordenador Escola Pública).

Analisando as duas realidades, percebe-se um contraste na medida em que, na escola particular, o uso dos *tablets* surge no intuito de inovar a escola, com foco de aprimorar a explicação dos conteúdos de uma forma que seja mais atualizada. O uso do referido equipamento está mais focado em acrescentar, atualizar e complementar o livro didático, sem que para isso seja deixado de lado a escrita dos alunos em seus cadernos. Já na escola pública, não há um objetivo específico com o uso dos *tablets* fazendo com que estes sejam utilizados na vida pessoal dos professores e não no desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola.

Perguntou-se aos professores se eles já haviam utilizado o *tablet* anteriormente à chegada desses nas escolas. O professor da escola particular ressaltou que sim, porém com outros objetivos que não os escolares. Sobre o seu uso no cotidiano escolar o professor disse que

> O *tablet* facilitou muito em termos de portabilidade, por exemplo, quando eu quero passar um filme ou quando eu quero que os alunos me acompanhem em certo exercício. É interessante que eles também tenham. Tem uma atitude de aluno muito mais ativa do que simplesmente uma atitude passiva que é o normal naquela aula expositiva. Com o *tablet*, o que me ajudou, foi justamente isso, deixar o aluno mais ativo (Professor escola particular).

Na fala do professor, fica clara a importância que ele destaca da relação professor/aluno. Para ele, é importante que os alunos também tenham o *tablet* para que se consiga superar a aula expositiva e conseguir assim, uma aula mais dinâmica. Ele mostra a relação de mão dupla que existe, tanto da ação do professor como do aluno.

Na escola pública, o professor disse que também já havia utilizado *tablet*, porém não para usar na escola. Sobre o equipamento que recebeu do governo, ele disse que

> O diferencial desse é que os aplicativos são mais diretos para o portal do professor e outras ferramentas que já vêm instaladas nele. Só que o problema é: 'Que horas você vai acessar isso?' Normalmente essas coordenações são reuniões e a tarde eu estou em sala de aula o tempo todo. Então, que horas que eu vou acessar isso? Na reunião de coordenação geral, eu vou prestar atenção na reunião. Como que eu vou ficar acessando? (Professor escola pública).

Em sua fala, o professor da escola pública relatou dificuldades para o uso. Ele afirma não ter tempo disponível para usá-lo. Ressaltou ainda, outro impeditivo para o uso: "O *tablet* só pega rede *wireless* e eu não tenho *wireless*". E, ainda, destacou a baixa qualidade do equipamento que foi disponibilizado a ele: "Você apresentar um aparelho com 500MB é lento demais". Além disso, destacou outros empecilhos.

> Porque assim, para eu usar ele, projetar, essas coisas, eu preciso do cabo de HDMI, mas é o mini. E ai eu preciso do cabo, do adaptador e não sei o que. E ai quem vai disponibilizar esse cabo? Eu! Porque no curso mesmo fala: 'Adquira um cabo'. Então eu tenho que adquirir, fora tudo que você já tira do próprio bolso para trabalhar. Então eu tenho que adquirir, tenho que sair, ter um tempo para sair. Professor não tem tempo nem de se coçar, nem de nada e ainda tenho que sair para comprar esse cabo e ai por num datashow (Professor Escola Pública).

Assim, pode-se destacar nas falas deste professor elementos inibidores para o uso do *tablet* e que estão relacionados à falta de condições satisfatórias para o desenvolvimento do trabalho docente. Tal constatação reforça a lógica invertida da política pública de uso do *tablet*, sem a participação dos sujeitos envolvidos e sem a garantia das condições necessárias para o seu funcionamento. Como consequência disso, a insatisfação e a desmotivação profissional referendadas na fala seguinte e já mencionada também pelo coordenador da mesma escola também emergem nas falas dos sujeitos como fatores inibidores. Como o coordenador, o professor também demonstrou que está desanimado porque, para o governo, ficou simplesmente algo midiático e não resultou em respostas para escola.

Na escola pública, tanto a falta de infraestrutura da escola como a não formação dos professores nesse reforçam a perspectiva do uso estritamente técnico e ainda insatisfatório do uso do *tablet*. Logo, a não aplicabilidade se deu por conta da ausência de uma formação para o uso pedagógico da tecnologia, apenas enfatizando o uso técnico. É o que relata o professor:

> Foram ensinar a baixar aplicativos, ensinando a usar a câmera. Para quem não sabe usar, ajudou. (...) Teve uma tarefa que era: 'Faça uma foto do *tablet* e poste', 'Olha tirei uma foto com o *tablet*'. Jura? Nossa! A gente já tira foto de celulares há séculos! Isso é subestimar muito a capacidade do professor (Professor Escola Pública).

O relato continua destacando a condição estrutural da escola:

> Eles dão dicas, o problema é que essas dicas não se aplicam porque eu não tenho essa estrutura na escola. (...) E o que me traz de inovação para usar com o aluno, enquanto o aluno não tem o *tablet*, eu faço isso com o notebook, com o datashow normal, eu não preciso dele (Professor Escola Pública).

Percebe-se na fala do professor que o mesmo não vê importância no uso dos *tablets*, já que a função que ele conhece, que pode utilizar nele, ele também pode utilizar em outros equipamentos que já possui. Para o professor da escola particular, essa tecnologia é visto como um facilitador do trabalho docente, enquanto para o professor escola pública, ele é visto como uma carga a mais no trabalho.

Belloni (2003) afirma que o uso das tecnologias tem de servir como meio para alcançar a aprendizagem e não como fim. E que para esse uso ocorra de forma adequada e com qualidade, é necessário que se utilize criticamente com criatividade e interdisciplinaridade.

Podem-se destacar que os sujeitos entrevistados na escola particular acreditam no potencial ressaltado por Belloni (2003), no qual os *tablets* dentro da escola são utilizados como aliados em sala de aula para facilitar o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos. A finalidade não se encontra no uso em si, mas como facilitador da aprendizagem e da mediação com os alunos, são meios utilizados por professores e alunos para tornar a aprendizagem mais atrativa e dinâmica, além de facilitar o estudo e a atualização do material.

Kenski (2003) adverte que muitas vezes as escolas no Brasil não optam pelo uso das tecnologias para facilitar os exercícios da escola e sim, por imposição da sociedade ou até mesmo por cunho meramente político ou comercial, sem que assim a escola se prepare pedagógica, física e administrativamente para este uso, sem ao menos formar os profissionais para que possam fazer uso desses aparelhos tecnológicos.

Apesar do coordenador da escola particular ressaltar o cunho comercial que a escola possui com o uso dos *tablets*, os outros professores destacam o aspecto pedagógico de seu uso. Nas falas dos professores entrevistados, eles se mostram confiantes no uso da tecnologia. Mostraram, também, que pelo o que eles avaliaram até agora, a escola apresenta melhoras tanto na aprovação do vestibular como na realização dos deveres de casa.

Na escola pública, tanto o coordenador como o professor sentem que a aquisição dos equipamentos ficou estagnada nessa estratégia comercial e política de que Kenski (2003) nos fala. Eles não se sentem formados para o uso dos *tablets* e a política pública se preocupou apenas com a aquisição deles para propaganda de governo, não formando os sujeitos da comunidade escolar para seu uso efetivo pedagógico e de qualidade, além de que a estrutura física da escola não estava adequada ao uso deste aparelho.

Percebeu-se, assim, o contraponto que existe entre as duas escolas. Enquanto a escola particular parece já ter superado a implementação e o uso dos *tablets,* encontrando-se, no momento, apenas no aperfeiçoamento do uso da tecnologia, a escola pública ainda

está presa na implementação desses, ainda procurando encontrar um uso para eles, impostos à ela.

A partir dos dados analisados, foi possível levantar algumas considerações acerca das modificações que o uso do tablet trouxe para o trabalho docente nas referidas escolas. Percebeu-se que modificações na organização escolar foram necessárias para a implementação da política, as quais se manifestaram de maneira diferenciada nas duas escolas.

Na escola particular, as falas dos sujeitos levam a acreditar que esse processo se deu de maneira consensual. Se por um lado os dados revelam que o processo foi satisfatório e produz resultados eficazes, eles não evidenciam, claramente, se os professores modificaram o seu trabalho, de fato, por um consenso espontâneo ou pelas pressões e concessões das condições de trabalho na rede particular. Nesse último caso, as modificações representariam condicionalidades à permanência na escola, reforçando a tese da intensificação do trabalho docente.

De acordo com Hypolito et al (2009) com base em Hargreaves (1998), a intensificação do trabalho docente consiste no processo em que docentes têm que responder a pressões cada vez mais fortes e consentir com inovações crescentes sob condições de trabalho que, na melhor das hipóteses, se mantêm as mesmas e que, na pior situação, vão se precarizando cruelmente.

Nesse sentido, a partir da caracterização do processo de intensificação pelos referidos autores, observou-se que esse processo:

1. implica a falta de tempo para atualização em alguns campos e requalificação em certas habilidades necessárias: na escola pública, não houve formação adequada para o uso dos tablets, com a supervalorização do uso técnico.

2. implica uma sensação crônica e persistente de sobrecarga de trabalho que sempre parece estar aumentando, mais e mais tem para ser feito e menos tempo existe para fazer o que deve ser feito: a sobrecarga de trabalho é evidente nas falas dos professores da escola pública. Na escola particular, as entrelinhas nos permitem observar que, por exemplo, a produção de materiais aumentou a demanda do trabalho do professor.

3. introduz soluções técnicas simplificadas (tecnologias) para as mudanças curriculares a fim de compensar o reduzido tempo de preparo (planejamento): principalmente na escola pública, não houve discussão pedagógica e nem estratégica para a implementação dos tablets, valorizando a tecnologia em si em detrimento ao projeto pedagógico.

Com essas características, os dados reforçam a tese dos autores mencionados de que políticas educacionais, e aqui destaca-se as de inserção de tecnologias na escola, tendem a favorecer uma intensificação do trabalho docente, com características diferentes dependendo do contexto em que ocorrem.

Os dados da escola pública se aproximam de um contexto mais conservador dos processos de intensificação, assim definido pelos autores, com aumento de trabalho em sala de aula, práticas menos criativas, muitas tarefas realizadas fora da escola e piores condições de trabalho. Já na escola particular, pode=se aproximar sua realidade ao modelo que compreende maior tempo de preparo fora da sala de aula, maior possibilidade de práticas curriculares mais criativas, condições de trabalho organizadas a partir de modos de gestão mais abertos. No entanto, os autores mencionados ressaltam que muitas atividades e tarefas propostas aparecem como inovações e podem aparentar um caráter mais criativo e insinuarem um trabalho pedagógico mais reflexivo. Contudo, isso pode estar evidenciando

um processo de auto intensificação do trabalho docente.

4. Considerações finais

Este estudo discutiu a relação educação e tecnologia, por meio de análise do uso de tecnologias no cotidiano escolar. Enfatizou o uso de *tablets* em escolas e como se dá a incorporação dessas tecnologias no cotidiano escolar.

Com esta pesquisa, entende-se como é importante que se tenha um objetivo real para o uso das tecnologias dentro da escola, posto que a mera aquisição de novas mídias de comunicação não irá fazer com que a escola se renove. Junto com a aquisição destes aparelhos é necessário que se tenha uma mudança de toda a organização escolar, administrativa pedagogicamente.

Apesar de a pesquisa considerar a dimensão docente do cotidiano escolar, evidencia-se a necessidade de se avaliar a condição de aquisição de *tablets* pelos alunos das referidas escolas. No contexto público, essa aquisição não aconteceu, ao mesmo tempo em que o uso da tecnologia pelos professores na escola particular foi acompanhado do uso pelos alunos, fato este que contribui para o alcance da eficácia do processo de implementação do projeto.

Nesse sentido, os dados revelaram que, para implementação de uma política pública como a incorporação da tecnologia no cotidiano escolar, se faz a necessária que haja participação de todos os sujeitos envolvidos no planejamento da política e, especialmente, no desenho de uma proposta pedagógica que evidencie as condições adequadas para a implementação da proposta, sobretudo no tocante às condições docentes. Isso se faz necessário a fim de que a incorporação de tecnologias não signifique meio de intensificação de trabalho docente, sendo mais um mecanismo de responsabilização do professor pela qualidade da escola, como sugere Alonso (2008)

> Transfere-se, esse modo, para as mãos dos envolvidos diretamente com as práticas escolares/pedagógicas a empreitada da transformação, cabendo-lhes recriar fazeres e saberes de lógicas estranhas e alheias ao seu cotidiano. Evidentemente que o envolvimento dos professores e professoras nesta tarefa é fundamental, e a construção dos significados sobre as TIC, do ponto de vista escolar e pedagógico, só poderá vingar com o envolvimento desses profissionais. O problema é que a incorporação das TIC no contexto escolar aparece como mais uma das pressões para alcançar os objetivos a qualidade na educação, constrangendo mudanças, sobretudo no perfil profissional dos professores (p. 756)

Desse modo, torna-se evidente a necessidade de mais estudos que avaliem a relação tecnologias e trabalho docente, com a finalidade de desvelar o cotidiano dessa relação e as modificações que se apresentam no trabalho docente.

Referências

ALONSO, Katia Morosov. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre redes e escolas. *Educação e Sociedade,* Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 747-768, out. 2008.

ALTO, Anair; SILVA, Heliana da. O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu Emprego na Educação. In: ALTO, Anair; COSTA, Maria Luiza Furlan; TERUYA, Teresa Kazuko. *Educação e Novas Tecnologias*. Maring·: Eduem, 2005, p 13-25.

BELLONI, Maria Luisa. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, p. 287-301, jul./dez. 2003.

GUIMARÃES, Luciano Sathler Rosa. VIGNERON, Jacques; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.). Novas tecnologias e mudanças no contexto de uma instituição educacional. In: *Sala de Aula e Tecnologias.* São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo UMESP, 2005.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Reestruturação curricular e auto intensificação do trabalho docente. *Currículo sem fronteiras,* v.9, n.2, pp.100-112, Jul/Dez 2009. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/hypolito-vieira-pizzi.pdf. Acesso 22 abr 2014.

KENSKI, Vani Moreira. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais *Tecnologias educacionais e educação a distância:* avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 74-83

_____. *Tecnologias e ensino presencial e a distância.* Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

RABELLO, Cíntia Regina Lacerda. Aprendizagem na era digital o papel da tecnologia no contexto escolar. In: *Revista da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, RJ, v. 31, trimestral, p. 95, Jul-Set. 2012. p. 7-18. Disponível em: < http://abt-br.org.br/images/rte/198.pdf > Acesso em: 04 out. 2013

SILVA, José Carlos Teixeira da. Tecnologia : conceitos e dimensões. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2002_TR80_0357.pdf>. Acesso em: 05 de jun. de 2014.

TOSCHI, Mirza Seabra. TV Escola: o lugar dos professores na política de formação docente. In: BARRETO, Raquel Goulart. *Tecnologias educacionais e educação a distância:* avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 85 – 104.